

REDES DE INTERVENÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS: problematizando os conceitos

Cristiana Costa Lima*

RESUMO

Esse artigo traz uma problematização sobre os conceitos trabalhados por diversos autores sobre a concepção de redes na atualidade. Analisa-se três tendências presentes nessas concepções dos autores

Palavras-chave: Redes, Sociedade da Informação, mundialização.

ABSTRACT

That article brings a problematization on the concepts worked at the present time by several authors about the conception of nets. It is analyzed three present tendencies in those conceptions of the authors

Keyword: Nets, Society of the Information, mundialização.

1 INTRODUÇÃO

Este texto aborda as diversas concepções de rede presentes nas análises dos autores que se dedicam a essa temática na atualidade. É parte constitutiva do trabalho de dissertação intitulado “Redes de Intervenção em Políticas Públicas: particularidades no Maranhão a partir dos anos de 1990”, vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Serviço Social e Movimentos Sociais, do Departamento de Serviço Social e Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, ambos da UFMA.

O crescimento do número significativo de redes de intervenção em Políticas Públicas em todo o mundo tem chamado atenção de muitos autores que passam a voltar suas análises para essa temática. Estão sendo criadas redes em todo o mundo em torno das mais diversas políticas públicas, quer sejam meio ambiente, questões de gênero, juventude, criança adolescente, comunicação.

É com base nestes estudos que este texto problematiza a existência de pelo menos três tendências de concepções presentes nos autores que se colocam para analisar as redes. Essas tendências não levam em conta as contradições inerentes ao processo de

*UFMA.

surgimento das redes no bojo da sociedade capitalista, desconsiderando as disputas entre as classes e as mediações construídas como forma de fortalecimento do capital, no qual a solidariedade, a parceria, o consenso são um dos exemplos exponenciais na atual sociedade. É com base nessas considerações que nos pomos a analisar as diversas concepções de rede na atualidade.

2 REDES DE INTERVENÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS: uso e abuso do termo

Para as análises que aqui se seguem identificamos três tendências dos autores ao analisarem a questão das redes.

Uma tendência sustenta-se na tese de que com o avanço da tecnologia, o ciberespaço¹, o mundo globalizado vão constituir na nova morfologia da nossa sociedade. Embora a organização social em redes já tenha existido anteriormente, é a partir do novo paradigma da tecnologia da informação que as redes vão se expandir por todo o mundo.

Segundo Castells² (1999a) vivemos em uma sociedade em rede em que a tecnologia da informação deve ser entendida como um evento histórico da mesma importância que foi a Revolução Industrial do século XVIII, implicando em mudanças radicais nas bases materiais da economia, da sociedade e da cultura. O cerne da revolução atual refere-se às tecnologias da informação e comunicação. O avanço da tecnologia da informação permitiu mudanças em todos os aspectos da vida, afirma o autor: na economia global, no fim do patriarcado, no papel do Estado, dos movimentos sociais contra a ordem global, um novo conceito de trabalho. Portanto, argumenta o autor, na sociedade globalizada, a tendência dos grupos sociais organizados é se articular em rede.

Castells (1999b) constata que a forma de organização e intervenção descentralizada e integrada em rede, característica dos movimentos sociais na atualidade, reflete a lógica contemporânea de formação de redes na sociedade informacional, presente, sobretudo, no espaço virtual das redes de computadores.

¹O ciberespaço é o ambiente virtual criado pela rede global de sistemas informáticos (nomeadamente a Internet) e pelo sistema de organização e acesso à enorme quantidade de informação armazenada em computadores (Dicionário Priberan).

²Manuel Castells é sociólogo. Dentre suas principais obras destacam-se: *A Sociedade em Rede*; *O Poder da Identidade*; e *O fim do Milênio*, *Movimentos Sociais Urbanos* (1975) e *A Questão Urbana* (1976).

2Jean Cohen é Ph.D nos estudos em Pesquisa Social. Foi professora assistente da ciência social na faculdade de Bennington de 1980-1983 e professora assistente de Sociologia na universidade de Califórnia, Berkeley (1984). Hoje é professora de Ciências Políticas na Universidade da Colômbia.

³As manifestações de Seattle e Gênova significaram uma tática adotada durante as reuniões da Organização Mundial do Comércio, do Fundo Monetário Internacional – FMI, do Banco Mundial ou do Grupo dos Oito, em Seattle, Praga e Gênova, cujo objetivo era organizar manifestações do lado de fora dos encontros desses grandes grupos. As manifestações queriam chamar a atenção de todo o mundo de que havia oponentes a proposta de “globalização” proposta pelo capital. A partir daí foi criada as manifestações recentes do Fórum Social Mundial que significou uma tentativa de se contrapor ao Fórum Econômico Mundial realizado em Davos.

Cohen³ (2005) também apresenta as redes como a grande inovação do século XXI. O autor, apesar de reconhecer que a organização em rede é bastante antiga na sociedade, destaca que as manifestações nas cidades de Seattle e Gênova⁴, que levaram milhares de pessoas às ruas, têm significado um novo entendimento da pluralidade e do potencial de organização mundial da sociedade civil.

O autor reflete sobre a "*rede transnacional*" como modo de associação e solidariedade do século XXI. Ele não desconsidera as antigas formas de organização de movimentos sociais, mas, destaca que novas formas de associações vem se somando às anteriores. Para Cohen (2003),

As "redes" geralmente caracterizam-se por esquemas de comunicação e intercâmbio voluntários, recíprocos e horizontais. Sob outro ângulo, é possível caracterizá-las como estruturas cuja capacidade de agir é maior que a soma de suas partes. E, de resto, envolvem a interação direta em grupos locais. Só que suas estruturas de comunicação lançam mão de modo cada vez mais freqüente dos novos meios eletrônicos, permitem o entrelaçamento de atores "locais" e "não-locais", que se conectam e discutem no ciberespaço por meio de troca de mensagens instantaneamente recebidas e respondidas. A internet facilita a expansão das interações comunicativas em escala planetária. (COHEN, 2003: 13)

A sociedade em rede, a sociedade da informação, a sociedade do conhecimento configuram-se como mais um processo de modernização da estrutura capitalista, do que uma revolução cultural, no sentido de destruir as bases deste modo de produção modificando a sociedade, radicalmente e construindo outra, qualitativamente nova.

As redes, para essa tendência apontada pelos autores como Cohen, Castells, são uma nova forma de pluralidade que torna possível uma conexão social, novas formas de ação coletiva e uma "solidariedade entre estranhos" mais ampla que as anteriores. Elas se constituem em uma articulação, facilitada à medida que utiliza uma rede virtual de computadores ou a mídia eletrônica.

Esse concepção de rede, a nosso ver, reforça o ideário de desmonte e de privatização do Estado à medida que essa materializa-se em primeiro momento no âmbito da subjetividade. Através do discurso de que o mundo mudou, que há uma globalização da cultura de massa e da mídia, a classe burguesa busca ocultar os antagonismos entre projetos de classe distintos. Essa universalização do discurso do mundo globalizado significa a tentativa de construir, nas palavras de Gramsci (2002b) um consenso, em nome de uma falsa visão da realidade social. Procede-se, desse modo, uma reforma intelectual e moral, reafirmando a hegemonia da classe dominante, na medida em que a visão da sociedade informatizada, do acesso universal as tecnologias da informação, da internet para todos, converte-se em senso comum, tornando-se base do consensos do bloco histórico.

Esse discurso genérico produz efeitos imediatos no campo prático-operativo à medida que essas concepções influenciam o movimento de organização das classes subalternas.

Concordamos com os autores de que nas últimas décadas temos vivenciado um acelerado processo de mudança dos sistemas de informação. Tal mudança vem se dando através dos meios de comunicação, da terceira revolução tecnológica, da robótica etc.

Contudo, é importante destacar que o que é colocado para alguns como um “novo fenômeno”, na verdade, é a expressão da necessidade de expansão do Capital e da burguesia na busca por mercados cada vez maiores, como já afirmava Marx e Engels, no Manifesto do Partido Comunista, em 1848: “*A necessidade de mercados sempre crescentes para seus produtos impele a burguesia a conquistar todo o globo terrestre. Ele precisa estabelecer-se, explorar e criar vínculos em todos os lugares*”. (MARX, 1998: 11)

Assim, a mundialização deve ser entendida como um fenômeno histórico-político que permitiu a emergência, sob a égide dos Estados Unidos, de um modo de funcionamento específico do capitalismo predominantemente financeiro, situado no quadro ou no prolongamento do estágio imperialista do capitalismo.

É importante salientar que, no Manifesto do Partido Comunista, Marx e Engels já observavam que o *capitalismo não sobrevive sem revolucionar permanentemente os instrumentos de produção*. Afirmam eles: *A burguesia não pode existir sem revolucionar continuamente os instrumentos de produção e, por conseguinte, as relações de produção, portanto todo o conjunto das relações sociais*. (MARX E ENGELS, 1988: 68). Grifo nosso.

Em síntese, pode se afirmar que nessa tendência de análise das redes, está agregada a idéia de revolução tecnológica, sobretudo pela reestruturação dos sistemas produtivos através da criação da polivalência, do trabalho em equipe, uso da informática, formação pluridisciplinar. Essas mudanças implicaram em mudanças significativas não só para o mundo da produção, como também nas formas de organização social e dos movimentos.

Uma segunda tendência observada sobre o conceito de redes destaca a colaboração solidária como estratégia para a construção de uma sociedade pós-capitalista.

Segundo Euclides André Mance⁵ (1999) o consumo solidário deve ser entendido como uma atitude ética e uma posição política frente à sociedade capitalista. Mance entende o consumo solidário como [...] novas relações de produção que subvertem as relações de produção capitalista e que, expandindo-se em redes, multiplicando suas ce.

⁵Euclides André Mance, é graduado em Filosofia e mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná, o autor tem centrado suas reflexões sobre as redes de colaboração solidária como possíveis alternativas econômicas para a construção de uma sociedade pós-capitalista, aplicando à economia os princípios da teoria da complexidade.

Essa concepção projeta nas redes a possibilidade de democratizar a sociedade através da democratização das políticas sociais e, à medida que se avança no controle dos orçamentos públicos, das definições das políticas sociais pela população vai-se criando uma ética solidária que levará a uma sociedade pós-capitalista.

Contudo, entendemos que o discurso da solidariedade tem o seu significado histórico no atual processo de recomposição das relações de hegemonia do capital em crise sob o neoliberalismo enquanto saída hegemônica para a atual crise do sistema capitalista em todo o mundo.

Diante desse quadro de crise e reatualização do capital,

...identifica-se a invocação de um forte e indiferenciado apelo à solidariedade no enfrentamento da questão social na atualidade, considerando os desdobramentos da pressão oriunda do agravamento e ampliação do quadro de pobreza em escala mundial. (ABREU, 2003: 02)

Essa invocação à solidariedade, ainda segundo Abreu, se dá por parte dos organismos internacionais como o Fundo Monetário Internacional – FMI, Banco Mundial, empresas e o Estado neoliberal em uma clara relação econômica e de controle social pelo capital. (ABREU, 2003)

Assim, sob esse ponto de vista, as redes configuram-se como possibilidade de fortalecimento da ação dos sujeitos nelas envolvidos. Ao abranger um número maior de pessoas e difundir práticas e valores que objetivam a superação da realidade atual, contribuem para alterar as concepções de seus participantes, possibilitando, assim, a ascensão de uma nova cultura.

Uma terceira tendência identificada com relação à concepção de redes destaca a visão de que elas se constituem de um coletivo de entidades que juntas podem fortalecer as lutas sociais. Dentre dessa tendência às redes são concebidas por serem dotadas de um caráter organizador ou articulador de diferentes sujeitos coletivos que possibilitam a construção de condições inéditas de modificação da ordem instituída.

Assim, para Scherer-Warren⁶ (1999) as redes referem-se a uma estratégia de ação coletiva, a uma forma de organização e de ação que considera fundamental a participação cidadã. É constituída por entes autônomos, com objetivos específicos e que passam a se articular em função de uma idéia abraçada coletivamente. E se constituem como uma estratégia facilitadora na captação de recursos financeiros. As redes se evidenciam como formas mais horizontalizadas de relacionamento e, a partir disto, alimentam o ideal de fortalecimento das lutas sociais.

⁶Ilse Scherer-Warren é professora titular da Universidade Federal de Santa Catarina. Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1968). Mestre em sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1971) e doutora em sociologia pela Universidade de Paris X(1973). Pós doutora pela universidade de Londres (1987).

A análise em termos de 'redes de movimentos' implica buscar as formas de articulação entre o local e o global, entre o particular e o universal, entre o uno e o diverso, nas interconexões das identidades dos atores com o pluralismo. Enfim, trata-se de buscar os significados dos movimentos sociais num mundo que se apresenta cada vez mais como interdependente, intercomunicativo, no qual surge um número cada vez maior de movimentos de caráter transnacional, como os de direitos humanos, pela paz, ecologistas, étnicos e outros. (SCHERER-WARREN, 1993: 9 - 10)

A autora apresenta como características das redes: (a) busca de articulação de atores e movimentos sociais e culturais; (b) transnacionalidade; (c) pluralismo organizacional e ideológico; (d) atuação nos campos cultural e político. (SCHERER-WARREN, 2005).

As redes, descreve Scherer-Warren (1999), estruturaram-se sem regulação estatutária, registro civil ou processo centralizado de decisão numa diretoria ou algo equivalente. O coletivo de entidades reúne-se periodicamente para deliberar os encaminhamentos de seu planejamento de ações. Essa forma de organização dos movimentos pressupõe a construção de uma utopia de democracia, segundo Scherer-Warren, havendo, assim, um maior respeito à diversidade cultural, ideológica.

Rede é entendida, assim, como uma maneira de comunicar informações ou práticas, ligando diretamente e ao mesmo tempo, vários autores, sem a necessidade de centros de poder organizados verticalmente. Com isso vai sendo possível superar estruturas piramidais, na articulação horizontal e flexível de ações e de conhecimentos, por isso mais democráticas.

Para a autora, as redes se constituem como uma nova perspectiva para os movimentos sociais, a partir da década de 1990, em um contexto de crise em vários ângulos.

Segundo a autora há um poder de irradiação do ideal de democratização da sociedade, considerando-se os processos políticos sob a forma de rede, que atinge a todos os membros da rede. A partir da disseminação desse ideal, "a nível simbólico, passa-se a exigir um novo campo político-cultural" onde é possível conectar o local com o nacional e o transnacional e as questões do cotidiano com questões planetárias. (SCHERER-WARRER, 1999: 30).

Considerando as diversas tendências identificadas nas concepções de redes nos diversos autores estudados, podemos concluir que as redes se apresentam ou como um conjunto de organizações que se articulam com o objetivo de fortalecer suas lutas e assim garantirem políticas públicas; ou porque o desenvolvimento da tecnologia tem possibilitado canais mais ágeis de comunicação; ou porque através das redes será possível construir uma sociedade pós-capitalista.

3 CONCLUSÃO

Ao nosso ver, as conceituações até agora trabalhadas pelos intelectuais sobre as redes não incorporam a dialética do processo de luta de classe existente na sociedade. Desconsideram o contexto histórico de seu surgimento, ou seja, as redes de intervenção em políticas públicas emergem sob o contexto neoliberal de desresponsabilização do Estado frente à questão social; de pulverização de ações nas diversas áreas de políticas públicas; e, sobretudo, desconsideram o fato de que essas redes são formadas pelos mais diversos sujeitos individuais e coletivos (Organizações não Governamental, Sindicatos urbanos e Rurais, Cooperativas, empresas privadas, organismos da Igreja), o que nos demonstra que a questão das redes na atualidade é bem mais complexa e merece estudos mais aprofundados acerca da temática.

São estas as referências que trazemos para a melhor compreensão do conceito de redes. Contudo, acreditamos ser importante aprofundar os estudos sobre as redes de intervenção em políticas públicas, compreendendo que as demandas pautadas por elas, e personificadas por determinados sujeitos sociais, são fundamentais para entender parte da configuração das lutas sociais em desenvolvimento no Brasil e no Maranhão.

REFERÊNCIAS

ABREU, Marina Maciel **Serviço social e a organização da cultura: perfis pedagógicos da prática profissional**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **A constituição da solidariedade e o significado histórico da reatualização e do cooperativismo: projeto de pesquisa**. São Luís: DESESS/NUPP/UFMA, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação – economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, Vol.I,1999a.

_____. **O poder da identidade: a era da informação – economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, Vol.II,1999b.

COHEN, Jean L. **Sociedade civil e globalização: repensando categorias**. *Dados*. [online]. 2003, vol. 46, no. 3 [cited 2006-09-28], pp. 419-459. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582003000300001&lng=en&nrm=iso.doi: 10.1590/S0011-52582003000300001.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere**. Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedito Croce. Vol. 4, Edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luis Sergio Henrique e Marco Aurélio Nogueira. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. **Cadernos do cárcere**. Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política. Vol. 3, Edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luis Sergio Henrique e Marco Aurélio Nogueira. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002a.

_____. **Cadernos do cárcere**. Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política. Vol. 6, Edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luis Sergio Henrique e Marco Aurélio Nogueira. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002b.

MANCE, Euclides André. **A revolução das redes**. A colaboração solidária como uma alternativa pós-capitalista à globalização. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

MARX, Karl. ENGELS, Frederic. **O manifesto do partido comunista**. São Paulo: Cortez, 1998.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Cidadania sem fronteiras**: ações coletivas na era da globalização. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Redes de movimentos sociais**. São Paulo: Edições Loyola, 3^oed, 2005.

DICIONÁRIO PRIBERAN. http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx em 23 de agosto de 2006.